Motivo de realização e treino de independência: um estudo comparativo entre duas subculturas*

MARIA SONIA SOARES GRUNBLATT**

1. Introdução; 2. Metodologia; 3. Resultados; 4. Conclusões.

Avaliados o treino de independência e o motivo de realização propiciados a sujeitos de ambos os sexos, em duas subculturas brasileiras, uma judaica e outra católica, a análise estatística dos resultados obtidos permitiu conclusões como: a da existência de uma correlação positiva de realização; estabelecimento em função dos sexos, sendo os homens, tanto judeus como católicos, liberados mais precocemente que as mulheres. Houve uma diferenciação significativa do grupo masculino judeu em relação aos demais, por ter maior motivo de realização.

1. Introdução

Cabe a David MacClelland, em seu livro *Personalidade,* de 1951, a apresentação do motivo de realização, desenvolvida, posteriormente, em outro compêndio intitulado *The achievement motive,* datado de 1953 e escrito em colaboração com Atkinson, Clark e Lowell.

Este motivo é de suma importância para cada pessoa, pois pode levá-la a atuar objetivando o sucesso, buscando realizações. Murray (1973) o define como o motivo que leva o indivíduo a realizar algo difícil tão bem e tão rapidamente quanto possível; a superar os obstáculos que surgirem; a competir com os outros; a dirigir e manipular as pessoas, coisas e idéias; enfim, a procurar atingir um alto padrão de realização em diferentes aspectos de sua vida.

Segundo Angelini (1958), ele se demonstra através de palavras ou ações que exprimam o desejo do indivíduo de atingir com sucesso um padrão de excelência. Ou pode ser a vontade de realizar algo único, a longo prazo, o que proporcionará sucesso pessoal como forma de satisfazer a necessidade criada por este motivo, enquanto que malograr na realização será um modo de acentuá-la ainda mais.

* Artigo apresentado à Redação em 14.10.85.
** Doutora em Psicologia. (Endereço da autora: Condomínio Vale do Itaipu, 623 — Itaipu — 24.300 — Niterói, RJ.)

Os padrões de excelência estabelecidos em função do motivo de realização são tipicamente aprendidos, na opinião de Angelini e outros (1964). Criam-se por influência de pais que, na educação dos filhos, encorajam-nos a competir com tais padrões, recompensando-os quando bem-sucedidos e punindo-os se malogram. Com o tempo, as expectativas dos pais são introjetadas, de sorte que, quando o indivíduo se defronta com situações que implicam a competição com padrões de excelência, sentem novamente o afeto que se associou aos esforços anteriores para satisfazer às expectativas paternas.

Rosen (1962) particulariza um pouco mais este processo. Como resultado de suas pesquisas, estabelece que o motivo de realização tem sua origem num complexo de práticas de socialização inter-relacionadas. A mais importante delas é o treino de realização. Pais que propiciam este tipo de treinamento colocam altos objetivos para suas crianças, indicam uma alta avaliação de sua competência na realização de tarefas, impõem padrões de excelência sobre a solução de problemas, mesmo quando tais padrões não estão explícitos.

Outra prática do processo de socialização relacionada ao desenvolvimento do motivo de realização é o treino de independência. Segundo Rosen, este treinamento envolve expectativas de que a criança seja auto-suficiente quando competindo com padrões de excelência. Ao mesmo tempo, lhe é dada autonomia na resolução de problemas e na tomada de decisões em situações onde ela tem liberdade de ação e responsabilidade por seu sucesso ou fracasso.

Child e outros (in Angelini, H., 1967), diferenciando estas duas práticas educativas, afirmam que o conceito de treino de independência inclui três aspectos distintos: 1. expectativas dos pais, no sentido de que a criança apresente, relativamente cedo, sinais marcantes de autoconfiança e perfeição nas ações; 2. aprovação quando estas expectativas são confirmadas; 3. autonomia dada pelos pais, principalmente quando há tomada de decisões pela própria criança.

O treino de realização, por outro lado, particulariza-se nos seguintes aspectos: 1. níveis elevados de aspiração estabelecidos pelos pais para a realização dos filhos; 2. elevado conceito quanto à competência dos filhos na solução de situações e problemas; 3. colocação de padrões de excelência mesmo em situações que não os explicitem.

Rosen e outros (1959) assinalam que, quando precoce, o treino de independência promove o desenvolvimento de intenso motivo de realização, desde que não reflita restrições generalizadas, autoritarismo ou rejeição por parte dos pais.

Estudos têm sido realizados visando comparar o treino de independência ou o motivo de realização desenvolvido por sujeitos de diferentes culturas.

Analisando sujeitos brasileiros e americanos quanto ao desenvolvimento do motivo de realização, Rosen (1962) delimita prevalecer no Brasil uma estrutura familiar de dominação paterna, onde as crianças recebem pequeno treinamento tanto de independência como de realização. Conclui então que fatores comumente encontrados no Brasil, como a extrema pobreza, a rigidez e hierarquia do sistema social, assim como o autoritarismo, a proteção excessiva e a indulgência, são as possíveis causas de inferioridade dos resultados dos sujeitos brasileiros em relação aos de seus pares americanos.

Dentro da cultura brasileira, diferenças significativas são apontadas por Angelini e outros (1964), ao avaliar sujeitos de três cidades: São Paulo, Americana e Rio de Janeiro. Os autores afirmam que nas grandes cidades — Rio e São Paulo — o treino de independência é proporcionado mais cedo que em Americana. Comparando estes resultados com outros, obtidos entre sujeitos norte-ame-

ricanos, observaram ser o treino de independência proporcionado, em média, três anos mais cedo nos Estados Unidos.

A cultura brasileira pode ser subdividida de muitas outras formas.

O estudo ora relatado tomou como objeto de análise dois grupos que contribuem para sua composição: a subcultura brasileira judaica e a subcultura brasileira católica.

Ao se intentar caracterizar, através da bibliografia existente, o povo brasileiro e o povo judeu, fica evidente tratar-se de dois processos históricos e culturais bastante diversos. Os traços psicológicos colocados como mais característicos dos elementos de um destes povos são muito diversos dos que descrevem os membros do outro, o que aponta para a conclusão de que diferentes padrões educativos devem vigorar nestes dois povos.

É possível, pois, que desenvolvam diferentemente o treino de independência e o motivo de realização de suas crianças, e que isto se mantenha em subculturas compostas por elementos destes dois povos.

Para a verificação empírica destas possibilidades, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos:

1. comparar sujeitos das subculturas brasileiras judaica e católica quanto ao treino de independência e ao motivo de realização;

2. comparar o treino de independência e o motivo de realização de homens e mulheres das duas subculturas;

3. relacionar as variáveis treino de independência e motivo de realização.

2. Metodologia

Foram utilizados dois grupos de sujeitos, de ambos os sexos: o primeiro composto por 60 judeus nascidos no Brasil, porém filhos de estrangeiros, e o segundo por 60 brasileiros católicos, filhos de brasileiros. Para facilidade de identificação e referência, os grupos foram denominados "grupo judeu" e "grupo brasileiro".

Treino de independência, motivo de realização e sua correlação foram tomados como variáveis dependentes.

Como variáveis independentes manipuladas apareceram o sexo dos sujeitos e sua pertinência ao grupo judeu ou brasileiro, definido em função de sua religião e da religião e naturalidade de seus pais e avós.

Em relação aos sujeitos, foram controladas certas variáveis independentes — cor branca, idade de 25 a 35 anos; nacionalidade brasileira; naturalidade: cidade do Rio de Janeiro; local de residência: cidade do Rio de Janeiro; grau de inteligência mínimo normal; sanidade física normal; nível sócio-educacional superior e nível sócio-educacional paterno médio ou superior — definidas operacionalmente segundo modelo de Havighurst (in Grunblatt et alii, 1980).

Algumas variáveis possivelmente parasitas foram delimitadas a fim de que pudessem ser identificadas, se necessário. Todas se referiram aos sujeitos: estado civil; número de filhos; residência com os pais, esposa ou sozinho; idade e nacionalidade dos pais; número, idade, sexo e sanidade física dos irmãos.

Aos sujeitos, em uma só sessão, individual, foram apresentados, seqüencialmente, três instrumentos:

1. Questionário para Avaliação do Treino de Independência, material oriundo de pesquisa realizada por Grunblatt e outros (1980), colocado em anexo (anexo 1);

2. Método Projetivo de Avaliação da Motivação (MPAM), material destinado à medida do motivo de realização, segundo versão desenvolvida por Angelini (1973);

3. Questionário de dados pessoais, elaborado com a finalidade de proporcionar critérios para seleção e caracterização da amostragem.

3. Resultados

Os escores encontrados no questionário sobre treino de independência se dispersaram numa faixa de 81 pontos, delimitada pelos valores 100 e 181. Sobre eles vários cálculos foram executados e os resultados então obtidos estão na tabela 1:

Tabela 1

Resultados dos cálculos do somatório, média, desvio-padrão, coeficiente de variação e idade média, a partir dos dados dos grupos I (masculino judeu), II (feminino judeu), III (masculino brasileiro) e IV (feminino brasileiro)

	Grupo I	Grupo II	Grupo III	Grupo IV
Somatório	3.820	4.245	3.855	4.295
Média	127,3	141,5	128,5	143,1
Desvio-padrão	17,49	18,38	16,08	18,29
Coeficiente de variação	0,14	0,13	0,12	0,13
Idade média	12,73	14,15	12,85	14,31

Um resumo da análise estatística realizada para comparar os resultados dos diferentes grupos, por intermédio do teste U de Mann-Whitney encontra-se na tabela 2.

Estas análises demonstram uma igualdade entre as subculturas estudadas quanto ao treino de independência, embora tenha havido maior precocidade nos sujeitos judeus quando comparados aos brasileiros.

As diferenças que foram tidas como significantes se referiram à variável sexo, o que demonstrou receberem os homens, tanto judeus como brasileiros, um treinamento mais precoce que as mulheres.

Vários autores ligam a estabilidade dos comportamentos de dependência à sua adequação aos padrões culturais que definem os papéis masculinos e femi-

Tabela 2

Resultados do teste U de Mann-Whitney, aplicado aos dados do questionário sobre treino de independência

Grupos	Z	Probabilidade
I × III	0,42	6741
II × IV	0,33	7417
I × II	2,84	0046*
III × IV	3,01	0026*
I × IV	3,06	0003*
III × II	2,68	0074*
I e II × III e IV	0,41	6818
I e III × II e IV	4,10	0001*

* Significantes a 0,05.

ninos. Assim, por ser o traço dependência socialmente aceitável em relação ao sexo feminino, aparece uma tendência para sua manutenção da idade infantil à adulta, enquanto um decréscimo de freqüência, paralelo ao aumento da idade, ocorre nos indivíduos do sexo masculino.

Resultados experimentais que estabelecem meninas como mais dependentes que meninos foram encontrados por vários autores como Beller, Otis e McCandless (in Biaggio), embora a não-diferença entre os sexos também tenha sido apontada por Fischer & Torney (1976).

Através do exame das medidas de dispersão foi observado um maior consenso em relação ao treinamento masculino. A maior dispersão delimitada nos grupos femininos pode ser um indício de divergência, nos padrões familiares, quanto à independência das filhas, o que parece coerente com o estágio atual de desenvolvimento da figura feminina, que começa a atingir maiores graus de liberação. Como o dado tomado se referiu a sujeitos adultos, tal treinamento ocorreu há 10 ou 20 anos atrás, quando era ainda mais nítida a diversificação de padrões relativos à liberação das mulheres.

Coube ao grupo masculino judeu os maiores graus de independência. Como se tratava de um grupo minoritário, composto por filhos de imigrantes, que na vida real se apresenta predominantemente fechado e coeso, pode-se estranhar ser ele o grupo de maior liberação.

No entanto, verificando o instrumento utilizado, ficou claro que a maioria dos itens focalizou situações que implicavam comportamentos cuja ocorrência se dava dentro do círculo de convivência do próprio grupo, indicando, pois, uma independência do controle paterno, porém dentro do grupo a que o indivíduo pertence. Talvez os resultados se alterassem caso a medida especificasse uma independência total, uma independência não só das figuras paternas, mas do próprio grupo. Neste caso, seria possível a obtenção de dados diferenciais

entre as subculturas judaica e brasileira, uma vez que a segunda estaria muito mais identificada com o grupo externo.

Os escores obtidos no MPAM, que foi o instrumento utilizado para avaliar o motivo de realização, distribuíram-se numa faixa de 27 pontos, entre os limites de −4 a + 22.

Resultados de diferentes cálculos computados sobre estes dados estão apresentados na tabela 3.

Tabela 3

Resultados dos cálculos de somatórios, médias, desvios-padrão e coeficientes de variação, com os dados dos grupos I, II, III e IV referentes ao MPAM

	Grupo I	Grupo II	Grupo III	Grupo IV
Somatório	296	195	194	189
Média	9,90	6,50	6,46	6,30
Desvio-padrão	6,53	5,47	5,02	4,78
Coeficiente de variação	0,66	0,84	0,77	0,76

Várias hipóteses estatísticas comparando o desempenho dos diferentes grupos, no MPAM, foram estabelecidas e submetidas a uma análise através do teste U de Mann-Whitney. Os valores obtidos estão sumariados na tabela 4.

Tabela 4

Resultados do teste U de Mann-Whitney, aplicado aos dados do MPAM

Grupos	Z	Probabilidade
I × III	2,08	0376*
II × IV	0,18	4286
I × II	2,06	0394*
III × IV	0,21	8336
I × IV	2,16	0308*
III × II	0,02	4920
I e II × III e IV	1,57	1164
I e II × II e IV	1,53	1260

* Significantes a 0,05.

Todas as evidências apontadas pelos resultados e pelas análises estatísticas executadas indicaram ser o grupo masculino judeu portador de maior motivação de realização, em comparação aos grupos feminino judeu, masculino brasileiro e feminino brasileiro.

Esta superioridade ligada aos judeus se encontra confirmada por dados experimentais anteriores. Birch & Veroff (1970) afirmam serem os judeus americanos, em comparação aos católicos e protestantes, portadores de mais alta motivação para a realização.

Angelini (1973) cita também Strodtbeck e Sultan, que avaliam, ainda na América do Norte, estarem 80 a 85% dos judeus empregados, trabalhando em profissões de alto nível, ao lado de apenas 30 a 40% da população em geral. Os autores apontam para o desenvolvimento diferencial do motivo de realização como causa do fenômeno, sendo este desenvolvimento atribuído a certos valores culturais que teriam suas raízes na religião.

Corroborando estes dados está o fato de poder-se facilmente identificar serem várias características imputadas ao judeu, na literatura em geral, concordantes com atributos possuídos por sujeitos portadores de alto motivo de realização, conforme descrições encontradas em autores como McClelland (1961), Angelini (1973), Samelson (in Atkinson, 1958) e Birch & Veroff (1970).

Comparados a estes sujeitos, os grupos brasileiros apareceram como possuidores de menor motivo de realização.

Explicações para tal fato podem ser encontradas na religião, na história, nas definições de caráter nacional.

Alguns estudos em relação à população brasileira, tendo o motivo de realização como tema, já foram feitos. Rosen (1962) assinala resultados marcadamente inferiores de sujeitos brasileiros, em relação a sujeitos norte-americanos. Angelini e outros (1964) afirmam não haver encontrado diferenças significativas entre brasileiros e norte-americanos. Resultados de Ginsberg (1978) estabelecem universitários brasileiros como superiores a japoneses e italianos. Evidências opostas são encontradas por Teixeira (1978) em relação a brasileiros e japoneses.

Tomando como objeto de análise a variável sexo, pôde-se estabelecer uma diferença significativa nos grupos judeus, sendo as mulheres tidas como menos motivadas para a realização.

Conquanto seja a mulher muito valorizada na cultura judaica, segundo afirmação de Chahon (1982), há nítida diferenciação entre seu papel e o papel masculino, cabendo-lhe funções específicas, o que pode se refletir sobre o desenvolvimento de seu motivo de realização.

Nos grupos brasileiros, no entanto, os sujeitos de sexo feminino apresentaram graus de motivação para a realização semelhantes aos dos sujeitos masculinos.

Uma explicação para tais resultados está no fato de serem os sujeitos femininos de formação universitária, o que representaria, de acordo com Angelini (1973), um tipo motivacional próximo ao tipo masculino. Outra explicação possível está ligada ao baixo nível de estimulação deste motivo, nos padrões educacionais de nossa cultura, o que se sobreporia a quaisquer influências decorrentes de diferenciação de papéis.

A análise dos resultados encontrados permitiu ainda o estabelecimento de uma correlação positiva entre treino de independência e motivo de realização, como pode ser verificado na tabela 5, o que está em concordância com a bibliografia relativa ao assunto.

Tabela 5

Resultados do coeficiente de correlação de Spearman, entre treino de independência e motivo de realização

Grupos	rs
I	350*
II	428*
III	404*
IV	374*

* Significantes a 0,05.

4. Conclusões

Do exame dos resultados obtidos ressaltam as seguintes conclusões:

1. A metodologia empregada neste estudo não estabeleceu causalidades, mas sim relações entre as variáveis.

2. Os dados pessoais da amostragem permitiram o discernimento de diversas características próprias a cada grupo e evidenciaram a necessidade de limitação das generalizações dos resultados a brasileiros judeus e brasileiros católicos, cariocas, classe alta, com 25 a 35 anos de idade.

3. Quanto ao treino de independência, não houve uma diferença significativa entre os grupos judeus e brasileiros, sendo a variável sexo que diferenciou os resultados, demonstrando serem os homens liberados mais precocemente que as mulheres, nas duas subculturas.

4. O grupo masculino judeu diferenciou-se dos demais, denotando maior motivação para a realização.

5. Foi estabelecida uma correlação positiva entre treino de independência e motivo de realização, sendo que, quanto mais precoce o treinamento, maior o motivo de realização em todos os grupos.

Anexo 1

Questionário sobre treino de independência

Instruções

Não existe uma regra geral que estabeleça quando os pais devem permitir que seus filhos tenham suas próprias iniciativas, resolvam alguns problemas ou executem determinadas atividades.

O objetivo deste questionário é determinar a existência, ou não, de alguns padrões de idade.

Serão descritas algumas situações e você colocará a partir de quantos anos lhe foi permitido vivenciá-las.

Tenha sempre em mente sua própria experiência, como ela realmente foi, e não como você gostaria que tivesse sido. Pense somente em como agiram seus pais com você, não como você age ou agiria com seus filhos.

Ainda que você não tenha passado realmente por tais situações, faça um cálculo de como seus pais reagiriam frente a elas e com que idade lhe dariam permissão para enfrentá-las.

Não há respostas certas ou erradas, o que interessa é apenas o seu ponto de vista pessoal.

Alguma dúvida?

1. Suponha que você quis reunir em sua casa alguns amigos para bater papo, ouvir música ou dançar. Com que idade isto lhe foi permitido?

R — A partir de ..... anos.

Esta situação (ou situação semelhante) realmente aconteceu comigo: ☐ sim ☐ não

2. Suponha que você fazia parte da equipe esportiva de sua escola e esta foi participar de uma competição com equipes de outras escolas, numa cidade distante, Brasília, por exemplo.

Com que idade seus pais consentiram na sua viagem com a equipe?

R — A partir de ..... anos.

Esta situação (ou situação semelhante) realmente aconteceu comigo: ☐ sim ☐ não

3. Suponha que seus amigos pensaram em passar um fim de semana fora de casa, acampados sozinhos, num camping a 60 km da cidade. Com que idade lhe foi permitido acompanhá-los?

R — A partir de ..... anos.

Esta situação (ou situação semelhante) realmente aconteceu comigo: ☐ sim ☐ não

4. Suponha que você foi convidado por uma colega, de família conhecida, para uma festa. Como a reunião se prolongou, você quis dormir na casa do colega. Com que idade seus pais lhe deram esse consentimento?

R — A partir de ..... anos.

Esta situação (ou situação semelhante) realmente aconteceu comigo: ☐ sim ☐ não

5. Suponha que você foi responsável por uma briga durante o recreio escolar. Embora não comentasse nada, seu professor, após a aula, pediu-lhe que no dia

seguinte comparecesse mais cedo à escola e o esperasse em frente à sala do diretor. Suspeitando que era por causa da briga e ficando preocupado, você comentou o fato com seus pais. Com que idade eles o deixaram ir sozinho para justificar-se diante do professor?

R — A partir de ..... anos.

Esta situação (ou situação semelhante) realmente aconteceu comigo: ☐ sim ☐ não

6. Suponha que você pediu para receber toda semana determinada quantia de dinheiro para poder usá-la, como, quando e onde quisesse, sem qualquer interferência. Supondo-se que seus pais podiam dispor desse dinheiro, com que idade atenderam sua solicitação?

R — A partir de ..... anos.

Esta situação (ou situação semelhante) realmente aconteceu comigo: ☐ sim ☐ não

7. Suponha que você pediu a chave de casa para poder chegar a qualquer hora, sem incomodar ninguém. Com que idade ela lhe foi entregue?

R — A partir de ..... anos.

Esta situação (ou situação semelhante) realmente aconteceu comigo: ☐ sim ☐ não

8. Suponha que seus pais decidiram colocá-lo para aprender alguma atividade como, por exemplo, artes, línguas ou esportes. Você, no entanto, se manifestou contra esta decisão. Com que idade acataram esta sua atitude?

R — A partir de ..... anos.

Esta situação (ou situação semelhante) realmente aconteceu comigo: ☐ sim ☐ não

9. Suponha que durante as férias, escolhendo um presente prometido, você decidiu-se por uma excursão de 15 dias, organizada por uma companhia de turismo, acompanhado unicamente pelo pessoal responsável pela excursão. Com que idade lhe deram permissão para viajar?

R — A partir de ..... anos.

Esta situação (ou situação semelhante) realmente aconteceu comigo: ☐ sim ☐ não

10. Suponha que você decidiu determinar sua rotina diária, ou seja, suas horas de estudo, de lazer, de sono e alimentação. Com que idade acataram sua decisão?

R — A partir de ..... anos.

Esta situação (ou situação semelhante) realmente aconteceu comigo: ☐ sim ☐ não

Abstract

Studied the training of independence and the achievement in two brasilia subcultures, a jewish and a catholic one, chief results of the statistical analysis were: training of independence and achievement motivation are positively correlated; training of independence is differentially developed. More specifically males, jewes and catholics, are earlier liberated than females; jewish males are significantly different from the other groups, showing the greatest achievement motivation.

Referências bibliográficas

Angelini, A. L. A avaliação da Motivação Humana pelo MPAM. *Revista de Psicologia Normal e Patológica, 1*(2), 1958.

——— & Rosen, B. C. Motivação, aspiração profissional e alguns aspectos na educação dos filhos: estudo comparativo de dados obtidos no Brasil e nos Estados Unidos. *Pesquisa e Planejamento,* CRPE/INCP/MEC, 1964.

———. *Motivação Humana.* Rio de Janeiro, José Olympio, 1978.

Angelini, H. R. C. Estrutura da família e motivo de realização. *Revista Interamericana de Psicologia, 1*(2), 1967.

Atkinson, J. W. *Motives in fantasy, action, and society.* New Jersey, D. Van Nostrand Company, 1958.

Biaggio, A. M. B. *Psicologia do desenvolvimento.* Rio de Janeiro, Vozes, 1980.

Birch, D. & Veroff, J. *Motivação.* São Paulo, Herder, 1970.

Chanon, V. L. *A mulher impura.* Rio de Janeiro, Achiamé, 1982.

Fischer, P. H. & Torney, J. V. Influence of children's stories on dependency, a sext-typed behavior. *Development Psychology, 12*(5), 1976.

Ginsberg, A. *Um estudo inter e intra-cultural: atitudes e personalidade de universitários.* São Paulo, Cortez e Morales, 1978.

Grunblatt, M. S. S.; Japur, M.; Mattiazzi, B. & Savastano, H. *Treino de independência de filhos únicos e primogênitos.* X Reunião Anual de Psicologia, da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto, São Paulo, 1980.

MacClelland, D. C. *The achievement society.* New Jersey, D. Van Nostrand Company, 1961.

Murray, E. J. *Motivação e emoção.* Rio de Janeiro, Zahar, 1973.

Rosen, B. C. & D'Andrade, R. The psychosocial origins of achievement motivation. *Sociometry, 22*(3), 1959.

———. Socialization and achievement in Brazil. *American Sociological Review, 24*(5), 1962.

Teixeira, C. M. P. *Interesses profissionais e motivo de realização entre adolescentes de duas subculturas étnicas em Mogi das Cruzes.* Dissertação de mestrado. São Paulo, USP, 1978.

